Malária é a principal causa da morte no Continente Africano

3/1/94

A malária mata anualmente entre um a dois milhões de pessoas a nível mundial e é a doença que mais mortes causa em África, segundo um especialista do Centro de Malária em Doenças Tropicais de Lisboa.

Virgílio do Rosário, coordenador científico deste centro disse que, a nível mundial, todos os anos morrem entre um a dois milhões de pessoas devido à malária e que mais de cem milhões são atingidas pela doença.

A malária (palavra que vem da ideia de maus ares) ou paludismo (de águas palustres) é transmitida pela picada de mosquitos e causada por um parasita protozoário (que invade os glóbulos vermelhos) do género «plasmódio» que tem o seu ciclo de vida no homem e no insecto.

O ciclo de transmissão da doença começa quando as fêmeas do mosquito «anopheles» infectadas picam o ser humano e inoculam os plasmódios.

Estes parasitas passam rapidamente para o fígado do homem e multiplicam-se durante um período de cinco a 10 dias, mas sem causar o aparecimento de sintomas.

Partem depois das células hepáticas do homem para invadirem os eritrócitos a se multiplicarem novamente. O ciclo repete-se, causando febre cada vez que os parasitas se libertam e invadem novos eritrócitos.

Se um anopheles fêmea se alimenta do sangue humano com parasitas na fase infectante para aquele, mantem-se o ciclo biológico através da formação de quistos no estômago dos mosquitos.

Eventualmente, milhares de parasitas migram para as suas glândulas salivares para serem inoculados juntamente com a saliva, numa nova alimentação.

O sintoma habitual da malária é febre elevada, que pode durar seis a oito horas e voltar de dois ou três em três dias.

Numa primeira fase o doente sente-se muito mal, sofre de violentas dores de cabeça e de rins. Calafrios e febre são os sintomas mais comuns. Cada ataque é exaustivo para o doente, mas após a passagem do mesmo o seu regresso são raros os sintomas.

Há quatro tipos de malária: plasmodium «falciparum», «vivax», «ovale» e malariae.

O plasmodium falciparum, é o tipo de malária que causa mais mortes em África e também o que causa maior mortalidade nas crianças, tendo em determinados lugares, como São Tomé e Moçambique, formas muito virulentas que atacam o cérebro.

O plasmodium falciparum parece ter-se adaptado ao homem mais recentemente do que as outras três espécies.

A malária alastrou para a Europa, Médio Oriente, Ásia, India e China, através da migração do homem no período neolítico. A doença deverá ter-se alastrado da Ásia para a América Central e do Sul no período pré-columbiano, provavelmente no primeiro milénio AD.

A distribuição da doença por uma área tão vasta é atribuída à adaptabilidade e capacidade de reprodução do mosquito «anopheles».

O primeiro grande acontecimento na história da malária foi a descoberta da «árvore de febre peruviana» (cinchona). No início do século XVII missionários jesuitas, na América do Sul, descobriram o valor medicinal da cinchona como cura para febres. A fama desta planta espalhou-se rapidamente.

Segundo uma lenda antiga, a condessa de Chinchon, mulher do vice-rei do Peru, curou uma febre de Terca ao beber uma infusão desta planta.

Em 1637 o cardeal Juan de Lugo e outros representantes da Igreja espanhola levaram a planta para Roma, onde foi utilizada num hospital.

A planta, que passou a ser conhecida como «o pó dos Jesuitas», estava a ser utilizada na Europa. Os ingleses e os holandeses levaram-na para a India e, em 1692, os missionários utilizaram-na para curar o imperador chinês de uma febre maligna.

Em 1820, em Paris, foram finalmente isolados os dois principais factores medicinais da planta: o quinino e cinchonina, esta descoberta permitiu a prescrição de dosagens precisas.

A descoberta vital de que os mosquitos transmitem a malária foi feita por Ronald Ross, em Agosto de 1897, em Secunderabad, na India.

Actualmente, existe largo número de novos medicamentos anti-maláricos, mas a doença não está ainda controlada porque os parasitas são resistentes a grande parte deles, disse Virgílio do Rosário.

O especialista acrescentou que este facto se tornou num dos maiores problemas da actualidade, na área do controlo da malária.